

Produção basca,  
'O Corno' vence  
em San Sebastián



PÁGINA 3

Silvero Pereira e o  
desafio de viver o  
Maníaco do Parque



PÁGINA 6

Bicibiblioteca  
chega à Maré e a  
Copacabana



PÁGINA 7

## 2º CADERNO

Após tributo a Gal Costa, Assucena dá sequência à carreira solo e estreia como compositora em 'Lusco-Fusco', seu primeiro álbum solo

**I**nspirada pelas paisagens coloridas que pintam o céu durante o lusco-fusco e pela diversidade de gêneros e estéticas que compõem a música popular brasileira, a cantora Assucena trouxe ao mundo seu primeiro álbum solo e autoral, "Lusco-Fusco", marcando sua estreia como compositora.

Com produção musical de Pupillo e Rafael Acerbi e direção artística da própria Assucena e da cantora Céu, o álbum de dez faixas foi construído narrativamente a partir do degradê de cores, luzes, emoções e temáticas que marcam as transições do dia para a noite e da noite para o dia.

As transformações que permeiam sua história pessoal e seu universo particu-



# O florescer de Assucena

Natalia Mitie/Divulgação

lar na condição de mulher trans foram as matéria-prima para este trabalho que expõe a diversidade de brasis e convida o ouvinte a sentir e refletir amor e afeto de forma política. "A ideia foi falar sobre os mais diversos processos de transição: no amor, na vida, no que se refere às identidades de gênero, às descobertas do mundo, aos ciclos da vida", explica a artista baiana.

As faixas têm participações especiais como a percussão e o cavaquinho de Pretinho da Serrinha ("Menino Pele Cor de Jambo"); os teclados e sintetizadores de Hervé Salters ("Nu"); o piano de Rafael Montorfano ("Quase da cor dos seus olhos" e "Reluzente") e o acordeón de Lulinha Alencar ("Enluarada").

E, dentre as dez composições autorais, Assucena divide a parceria de uma delas, "Ad Aeternum", com o cantor pernambucano Paulo Netto. "Meu primeiro álbum autoral trará uma reflexão sobre o Brasil contemporâneo e sobre o meu corpo como território político nessa matéria que tem a brasa como radical de seu nome. Tem como princípio discutir as transições, as transformações, as transmutações. Nasce de minhas necessidades de comunicar existências, afetos, desilusões e demandas de pessoas trans e travestis", revela Assucena.

Continua na página seguinte

## CORREIO CULTURAL

# ‘Proponho novas linguagens para falar de amor, comportamento e política’



Divulgação

Álbum será o 1º disco dos Stones sem Charlie Watts

## Rolling Stones lançam gospel com Lady Gaga e Stevie Wonder

Os Rolling Stones divulgaram mais uma faixa inédita do seu novo álbum “Hackney Diamonds”, com lançamento previsto para 20 de outubro. A gospel “Sweet Sounds of Heaven” foi liberada semana passada nas plataformas digitais e conta com participações de Lady Gaga e Stevie Wonder.

A música é a segunda do

álbum entregue ao público antes do lançamento do álbum. No dia 6 deste mês, a banda lançou o single “Angry” logo após anunciar o disco.

O álbum é o primeiro da banda desde a morte do baterista Charlie Watts, em 2021, e o primeiro de estúdio com faixas inéditas desde “A Bigger Bang”, de 2005.

### Betty de volta

“Betty, A Feia” ganhará continuação em série produzida dos Estúdios RCN, da Colômbia, em parceria com o Prime Video. A plataforma anunciou a nova produção, baseada em “Eu sou Betty, a feia”, a mais famosa novela latino-americana.

### Novo morador

Marcos Oliveira é o mais novo residente do Retiro dos Artistas. O abrigo confirmou que recebeu o artista. Marcos ficou famoso nacionalmente pelo personagem Beizola em “A Grande Família” (Globo), mas enfrenta problemas financeiros.

### \$ no plim-plim

O Itaú é o novo patrocinador fixo das novelas das nove da Globo. A emissora acertou contrato com o banco privado, que passará a estampar sua marca no horário de maior audiência da TV brasileira a partir desta segunda-feira (2).

### STFunk

Luís Roberto Barroso, presidente do Supremo Tribunal Federal, afastou a condenação da Furacão 2000 pela produção da música “Tapiinha”. O grupo fora condenado em R\$ 500 mil por danos morais difusos, por incitar violência contra mulheres.

Mayra Azzi/Casa Clã



Assucena estreou sua carreira solo em 2021 com um show em tributo a Gal Costa

Sobre o processo de construção desse primeiro álbum solo, Assucena diz “questionar e desnaturalizar o que a cultura determinou como natureza”. “Proponho, de maneira provocativa, novas linguagens, discursos e estéticas para falar de amor, comportamento e política”, pontua, enfatizando que para isso explora um caminho

estético sonoro que conversa com nossa tradição e nossa contemporaneidade para apontar a transformação dos espaços, dos tempos e das ideias.

Isso, acrescenta, significa cruzar barreiras musicais e criar metáforas sonoras entre o samba e o rock, entre o blues e o baião, entre o pop contemporâneo e o arrocha. “Lusco-Fusco” nasce do degradê de cores, sonoridades e

narrativas, desse colorido de expressões da minha verdade e da minha identidade. Representa, ainda, a transição e a aurora de uma nova fase artística”.

A artista iniciou o processo de lançamento de seu álbum com o single “Menino Pele Cor de Jambo”, em novembro de 2022. O segundo single, “Nu”, foi lançado na primeira semana de março de 2023; e o terceiro, “A última, quem sabe”, no início de setembro.

Depois de seis anos de muitas conquistas como uma das idealizadoras da banda As Bahias e a Cozinha Mineira, incluindo dois Prêmios da Música Brasileira e duas indicações ao Grammy Latino, Assucena iniciou sua carreira solo em 2021 com “Rio e também posso chorar”, show-homenagem à Gal Costa que se transformou em um tributo à artista que mais influenciou sua formação artística. Em paralelo ao processo de produção de seu primeiro álbum autoral solo, a artista também estreou no teatro com a peça “Mata teu pai, Ópera-balada”, com texto de Grace Passô e direção de Inez Viana, e com a qual foi indicada ao Prêmio Shell de Teatro 2023 como melhor atriz.

E antes das músicas desse álbum, Assucena lançou em 2022 os primeiros singles da carreira solo: a canção autoral inédita “Parti do Alto” e uma releitura-homenagem de “Ela”, gravada por Elis Regina há 50 anos.

## 'O Corno', da diretora basca Jaione Camborda, ganha a cobiçada Concha de Ouro

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**A**mbientado na fronteira entre Espanha e Portugal, nos afluentes do Rio Minho, numa recriação histórica do ano de 1971, "O Corno", da diretora basca Jaione Camborda, ganhou a Concha de Ouro do 71º Festival de San Sebastián.

Apesar de o nome sugerir adultério, no jargão popular dos povos latinos, o lúdico longa-metragem fala de aborto, narrando a fuga de uma parteira que, ao ajudar uma jovem a dar fim a uma gravidez não desejada, vira alvo da Lei.

A fotografia exuberante de Rui Poças amplia a força estética da trama, calcada num debate sobre o corpo da mulher.

"Não trato os homens de modo preconceituoso ou caricato. Um debate de gêneros carece de respeito. Mas eu me posiciono ao colocar as mulheres no centro da narrativa", disse Jaione ao Correio da Manhã em San Sebastián.

### Outras premiações

Ímã de gargalhadas entre os 16 concorrentes à Concha no evento do norte espanhol deste ano, a comédia argentina "Puán", feita em parceria com Brasil, rendeu a láurea de Melhor Roteiro para sua dupla de diretores, María Alché e Benjamín Naishtat.

Seu protagonista, Marcelo Subiotto, conquistou a láurea de Melhor Atuação do festival, dada também (em empate técnico) ao japonês Tatsuo Fuji por "Great Absence". Já a láurea de Coadjuvante foi entregue a Hovik Keuchkorian, por "Un Amor".

Na categoria Direção, a Concha de Prata foi para Taiwan, entregue a dois estreantes em longas: a realizadora Ping-Wen Ang e a seu colega Tzu-Hui Peng por "A Journey In Spring".

O Prêmio do Júri foi para a Es-



Após ajudar uma jovem a dar fim a uma gravidez indesejada, uma parteira precisa fugir de sua aldeia em 'O Corno'. O filme da basca Jaione Camborda conquistou a desejada Concha de Ouro do festival espanhol

# Vitória ibérica em San Sebastián

Jorge Fuenbuena/Divulgação SSIF



“ Não trato os homens de modo preconceituoso ou caricato. Um debate de gêneros carece de respeito. Mas eu me posiciono ao colocar as mulheres no centro da narrativa”

Jaione Camborda

candinávia dado a "Kalak", da sueca Isabella Eklöf. O longa recebeu ainda a láurea de Melhor Fotografia, dada a Nadim Carlsen.

Na mostra Horizontes Latinos, a herança marxista do cinema argentino se fez vencedora com a coroação do drama de tons sociais "El Castillo", de Martín Benchimol.

Já a láurea de Júri Popular da mostra Perlak foi para "A Sociedade da Neve", de J. A. Bayona, sobre a tragédia dos Andes de 1972, envolvendo a queda do avião da seleção uruguaia de rúgbi.

Em paralelo à premiação, San Sebastián exibiu o filme surpresa "O Assassino", de David Fincher, e fez uma sessão de gala de encerramento com "Dance First" - cinebiografia do dramaturgo Samuel Beckett, com Gabriel Byrne.

## Alvo de debates em San Sebastián, 'Pacifiction' estreia na grade da MUBI

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**P**ouco depois de ter conquistado o Urso de Ouro de 2022 com "Alcarràs" e de brilhar nas plataformas digitais com séries dos mais variados gêneros, o cinema espanhol emplacou uma coprodução com a França que, há um ano, não sai do radar dos grandes festivais e da crítica: "Pacifiction". Maior êxito da carreira do catalão Albert Serra, o longa acaba de entrar para a grade da MUBI no Brasil. No exterior, foi alvo de debates (e de elogios) na passagem de seu realizador pelo Festival de San Sebastián, onde ele falou sobre sua relação com o tempo, ao contemplar dilemas existenciais.

"Tenho formas de pensar a linguagem que passam por uma herança de meu país nas telas. Sou, sim, um cineasta espanhol, pela minha gênese pessoal, mas o meu cinema não está preso a paradigmas nacionais, nascendo de uma troca com a França, no desejo de expressar o mundo a partir de uma inquietação formal que não se defina meramente pela palavra, ainda que esta, quando aparece em cena, tem uma relevância, um sentido, um efeito", disse Serra ao Correio da Manhã em solo espanhol.

Empatia é um termo sempre usado na diagonal, nas raias da opacidade, nas trocas formais, oficiais e (vez ou outra) afetivas retratadas em "Pacifiction", um exercício autoral visualmente virtuoso que foi eleito "O Melhor Filme de 2022" nas votações da "Cahiers du Cinéma", revista encarada como bíblia audiovisual desde 1951. Essa estampa de qualidade



No esplendor do Taiti, *De Roller* (Benoit Magimel) circula entre os círculos de poder e o bas-fond em 'Pacifiction'

# Culto à moda espanhola

do mais respeitado periódico do mundo transformou o que era uma potente dramaturgia sobre a ressaca política de um mundo de ideologias afogadas num acontecimento, aquilo que revistas como a "New Yorker" chama de talk of the town, "O" assunto da cidade. Muitas vezes essa bênção francesa da "Cahiers" erra, sacralizando bezerros de ouro. Em outras (as enquetes em que figuraram Bertrand Mandico, Maren Ade, os Irmãos Safdie, Patricia Mazuy, Ladj Ly e Kleber Mendonça Filho) acertos foram reconhecidos e atestados pela História, como se faz agora com o catalão Albert Serra, o responsável por uma "pacificação" nunca plena dos legados do colonialismo.

"Este é um mundo onde os códigos de valor com que devía-

mos respeitar o próximo naufragaram", diz o cineasta. "Não uso o roteiro com os atores. Eu converso com eles, cena a cena, para tentar que eles se guiem pelo sentimento que cada sequência proposta sugere".

Desde o obrigatório "A Morte de Luís XIV" (2016), com Jean-Pierre Léaud, Serra goza de um prestígio autoral singular na Europa, como porta-voz de almas alquebradas pela percepção de que o tempo histórico que validava suas potências beira o ocaso. Artur Tort, habitual diretor de fotografia de seus longas, jamais olha para uma corte, um ambiente palaciano ou pro mix de resorts e inferninhos retratado em "Pacifiction" em busca de lugares comuns de luxo e de suntuosidade. Existem várias mo-

lestias na dramaturgia de Serra e o tédio é uma delas, quase sempre acompanhado de um certo esnobismo maquinal, ou seja, uma arrogância em relação aos processos de interação social e de trocas financeiras. Assim sendo, lirismo é algo que não lhe cabe, ainda que exista algo de lúdico no verdume das florestas da Polinésia Francesa onde a trama se passa. Mas a preferência de Serra é pelo que existe (ora) de arenoso e (ora) de lamacento na alma do personagem central daquele Éden em falência: um misantropo alheio à perseverança humana chamado De Roller, Alto Comissário da República no Taiti.

Para viver a figura enigmática, que é galã e monstro no mesmo corpo, operando como Jekyll pro neoliberalismo e Mr. Hyde

para o discurso ecológico, Serra convocou um ator em estado de graça: Benoît Magimel. Premiado em Cannes, em 2001, por "A Professora de Piano", em duo erótico com Isabelle Huppert, Magimel transforma De Roller num Exu que flana por diferentes mundos (o de governantes poderosos, o de turistas milionários e o bas-fond do comércio sexual) buscando equilíbrio. Mas a ameaça de um conflito atômico, somada à fagulha de um benquerer que parecia impossível, vai tirá-lo do ponto morto. Seu despertar revela, com o olhar decadentista de Serra, que o bárbaro é sempre aquele que se civilizou. É um roteiro deslumbrante, defendido por um ator no apogeu de seu vigor cênico.

Entre os destaques de San Sebastián de 2023, "May December", de Todd Haynes, com Julianne Moore e Natalie Portman, já está assegurado para a Netflix, para estrear no fim do ano. Também visto no evento espanhol, o thriller "O Assassino", de David Fincher, vai estar no streamings em novembro, trazendo o inglês Michael Fassbender no papel de um matador em crise.

# Capitã Marvel para o alto e avante

Prestes a voltar aos cinemas, super-heroína ganha sobrevida nas HQs e na Disney Plus

Divulgação



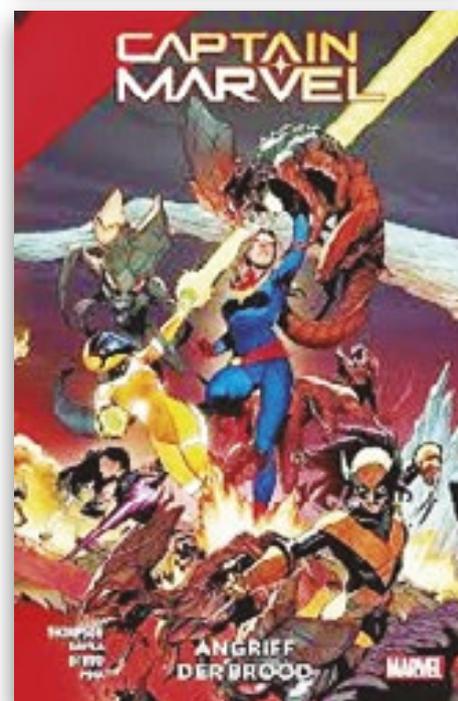
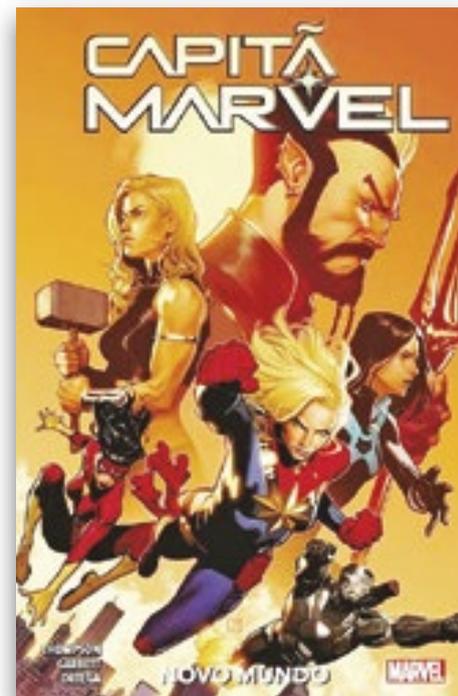
**Brie Larson assume a pele da Capitã Marvel, que também chega às bancas brasileiras em lançamentos da Panini**

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**V**irou a maré para os filmes de super-herói: o fracasso recente de “Besouro Azul” é uma das evidências de que o filão pode estar com os dias contados. Ainda assim, no dia 9 de novembro, a Disney lança pelo mundo afora “As Marvels”, de olho em cifras altas. Por aqui, a Panini Co-

mics está dando um apoio e tanto ao lançamento, ao levar às bancas e às gibiterias um novo compilado com as aventuras da Capitã Marvel, incluindo os artistas Carlos Gómez, Javier Pina, Kelly Thompson, Sergio Dávila, Torunn Grønbekk. Fora isso, a Disney Plus tem dado uma senhora visibilidade ao longa original da heroína.

Mesmo prejudicado com um nó de roteiro em seu terço inicial, quando a fotografia de Ben Davis custa a encontrar a luz



precisa, “Capitã Marvel” se impõe como uma vigorosa jornada de formação para a mais poderosa vigilante da Disney e como um estandarte político para a batalha em prol do empoderamento feminino. Ganhadora do Oscar por “O quarto de Jack”, em 2016, Brie Larson, ou apenas Brie Larson, usa todo o ferramental gestual que tem para injetar humor, marra e poesia a uma mulher cuja memória foi triturada em meio à abdução pela raça alienígena Kree.

Orçado em US\$ 175 milhões, o longa teve um faturamento de US\$ 1,1 bilhão. Arrecadou mais alguns milhões com a venda de bonequinhos, em especial uma Barbie com as feições da Capitã.

Com uma figura tridimensional em suas mãos, a cineasta Anna Boden (de “Se Enlouquecer, Não Se Apaixone”) e seu codiretor Ryan Kenneth Fleck (do filme “Half Nelson: Encurralados”) investem num formato de aventura estelar semelhante à estética pop usada nos quadrinhos marvetes dos anos 1970. A direção segue os moldes do que o genial Roy Thomas, o pai da protagonista, idealizou, por exemplo, em “Warlock” e outras HQs de batalhas de super-heróis com ETs, nos confins da galáxia. É um momento fundamental da edificação da cultura pop, em que a indústria de gibis criou a centelha narrativa lisérgica do que viria a ser “Star Wars” e outras franquias. Mas há um tempero midiático a mais na direção: como a trama se ambienta na década de 1990, e tem elementos de espionagem, com a participação fundamental da agência de inteligência Shield, Anna e Fleck travaram um diálogo com toda a linhagem de filmes teen de espionagem daqueles anos. E houve muita trama assim de 1992 a 1996 - tipo “Hackers”, de Ian Softley, e “Sneakers – Quebra de sigilo”, de Phil Alden Robinson – que servem de referência à luta da Capitã Carol Danvers (Brie) para entender por que motivos foi parar entre as estrelas, para ser treinada pelo Kree Yon-Rogg (Jude Law, impecável na criação de um guerreiro dúbio) a fim de combater a raça de transmorfos chamada Skrulls. Quem leu Marvel desde guri, odeia os Skrull sobre todas as coisas. Mas algo de novo acontece com esse povo neste filme, que deita e rola no carisma de Samuel L. Jackson (em estado de graça na pele do jovem Nick Fury, futuro líder da Shield) e da atriz Lashana Lynch, que vive a aviadora Maria Rambeau, amiga da Capitã.

Em “Marvels”, Brie se junta com as atrizes Teyonah Parris e Ima Vellani numa série de perigos. Fury também está no elenco.

## Silvero Pereira não quis conhecer Maníaco do Parque para gravação de filme

Por Vitor Moreno (Folhapress)

**N**uma tarde quente deste começo de primavera, o cãozinho estava ansioso para passear, mas teve que esperar o “corta” do diretor Mauricio Eça para sair do edifício Dorinnha, que dá frente para a praça Dom Orione, no Bixiga (zona central de São Paulo). Bem na altura do portão do prédio, uma cena aparentemente corriqueira interrompia a calma habitual da região.

Na calçada, a jovem que passava era abordada por um rapaz com calças largas, camiseta curta por cima da de mangas longas e com um par de patins pousado no ombro. Ele oferece a ela um trabalho: fazer fotos para um catálogo. Ela diz que não tem experiência - ele diz que não precisa. Apertada de grana, ela fica tentada ao saber que receberia R\$ 1.500.

Não fossem as dezenas de pessoas acompanhando com atenção e a vasta quantidade de equipamentos ao redor, ninguém repararia que ali estava ocorrendo uma gravação. No caso, a do filme “Maníaco do Parque”, que está sendo produzido para a Amazon Prime Video e conta a história do motoboy Francisco de Assis Pereira, cujos crimes ganharam manchetes de jornais de todo o país em 1998.

Seu modus operandi era justamente se passar por caça-talento, oferecendo trabalhos de modelo para convencer as vítimas a irem com ele até o Parque do Estado (na zona sul da capital paulista) com a desculpa de fazer uma sessão de fotos em meio à natureza. Chegando lá, elas eram atacadas, estupradas, mortas e tinham os corpos escondidos



Silvero Pereira preferiu mergulhar em material de imprensa e depoimentos do criminoso para construir seu papel na trama

# ‘Não fiz questão de conhecê-lo, acho que não seria saudável’

didos no meio da mata.

Apesar de constar em todas as listas de crimes mais lembrados (e midiáticos) do Brasil, o ator Silvero Pereira, escolhido para dar vida ao personagem, conta que não acompanhou o caso com tanto interesse na época. “Estava saindo do interior do Ceará para a capital pra fazer faculdade, me tornar profissional em arte”.

### Pesquisa

Amante do gênero true crime, porém, ele não teve problema em se debruçar sobre o amplo material disponibilizado pela produção. “Tive acesso a longas entrevistas do Francisco, então, basicamente, a construção veio de ouvi-lo e construir essa mimese”, conta o ator, que preferiu não conversar pessoalmente com o retratado, que segue preso na penitenciária Orlando Brando

Filinto, em Iaras (SP).

“Não fiz questão de conhecê-lo, acho que não seria saudável”, afirma. “Além disso, não conhecer o Francisco pessoalmente me dá a possibilidade de, enquanto artista, ter o meu momento ficcional também”, avalia. “O roteiro não é 100% realista, ele tem personagens ficcionais.”

Ele se refere a personagens que foram criadas para ajudar a narrativa, como a jornalista investigativa Elena (Giovanna Grigio), que no filme se debruça sobre o caso. “É muito interessante perceber que a Giovanna é a grande protagonista, e eu sou o antagonista da história. Acho que o objetivo aqui é dar voz para as mulheres.”

Esse, aliás, foi um dos motivos de ter aceitado o convite para o filme. Conhecido por papéis que põem em xeque as definições biná-

rias de gênero, Silvero diz acreditar que o filme não o tira do caminho que tentou trilhar na carreira. “De certa forma, ele me leva no mesmo lugar de todos os projetos, do que eu acredito enquanto arte, transformação, movimento, questionamento e provocação social”, afirma.

Ele também destaca o fato de ser seu primeiro protagonista no cinema, além da possibilidade de ser enxergado de outra forma no mercado. “É a imagem do Silvero tirado desse lugar do LGBT, do militante. Então, me dá essa possibilidade de fazer o que a gente gosta no nosso ofício, que é de se transformar, ser diverso”.

A composição da imagem inclui ainda uma caracterização que toma até duas horas por dia de filmagem - para ganhar as sardas características, entre outros aspectos físicos para aproximá-lo do Francis-

co da vida real. Qualquer desconforto nesse processo, no entanto, fica fácil diante do desgaste gerado pelas cenas em que precisa executar as violências de seu personagem. “A gente bota uma carga emocional muito forte na cena”, afirma Silvero, pontuando que as cenas de violência foram realizadas em conjunto com as coordenadoras de movimento e de intimidade do filme, na tentativa de que se tornassem menos pesadas de realizar. Além disso, há uma psicóloga à disposição e foi criada uma rotina para os atores se distanciarem dos personagens depois de as cenas mais violentas serem rodadas.

### Profissionalismo

Para Bruna Mascarenhas, que interpreta a personagem Cristina (que junta características de mais de uma das vítimas de Francisco), as cenas foram gravadas com muito profissionalismo e a parceria com Silvero foi fundamental. “Não vou dar spoiler, mas tem uma cena que foi bem pesada de fazer”, conta. “Todo mundo ficou em silêncio e, depois que cortou, continuei concentrada. O Silvero me olhou, veio na minha direção, e a gente só se abraçou e chorou um pouco. Quando cheguei em casa, tomei uma hora de banho ouvindo pagode dos anos 90. E é isso, é nosso trabalho se envolver, estar 100% na emoção, mas também sair 100% dela.”

A atriz, que era criança quando os crimes ocorreram, conta que soube na adolescência da repercussão do caso. Por isso mesmo, a atriz diz não conseguir ser favorável à soltura de Francisco, programada para ocorrer em 2028 - apesar de ter sido condenado a cerca de 270 anos de prisão, a legislação brasileira não permite que ninguém fique preso por mais de 30 anos. “Isso é uma coisa que me deixa preocupada mesmo. Sou super a favor da ressocialização, né? Se pessoa pagou, ela tem o direito de sair, tem o direito de reconstruir a sua vida. Mas existem casos e casos. E, nesse caso, acho que tem que ser pensado com muito cuidado, porque a gente não quer que isso se repita mais uma vez”, argumenta.

Divulgação

# Um estímulo à leitura

Divulgação

Chega ao Rio a BiciBiblioteca, uma biblioteca montada sobre rodas oferece um acervo diversificado de livros novos para serem trocados por usados



Já em circulação em Salvador, Recife e São Paulo, a BiciBiblioteca estará na Maré em Copacabana até fevereiro

**N**a próxima quinta-feira (5), o Rio recebe uma iniciativa pioneira no estado: o projeto BiciBiblioteca, uma biblioteca montada sobre rodas que oferece um acervo diversificado de livros novos para serem trocados por usados por crianças, jovens e adultos, fomentando o incentivo à leitura.

A estreia da iniciativa, que circulará pelo Rio até fevereiro de 2024, será no Galpão Bela Maré, na favela Nova Holanda, no Complexo da Maré, às 15h30, quando alunos da comunidade irão receber a primeira visita da bicicleta, que leva em seu baú novas ideias, cidadania, diversão e educação.

Para o público em geral, a BiciBiblioteca estacionará todos os sábados, a partir do dia 7, na Feira da Teixeira Ribeiro, também na Maré, das 10h às 16h. Além disso, estará todo primeiro domingo do mês, começando no dia 8 de outubro, na Praia de Copacabana, no Posto 3, das 10h às 16h. Nessas ocasiões, qualquer pessoa poderá levar um livro que já leu e trocar por um novo gratuitamente.

Além do Rio, a BiciBiblioteca já está em circulação nas capitais Salvador, Recife e São Paulo, por onde rodará até fevereiro de 2024.

A estrutura do projeto prevê dois eixos para alcançar o público.

Durante a semana, a biblioteca itinerante visita escolas públicas, instituições e organizações sociais, que possuem algum tipo de atendimento ou serviço à população, como centros de convivência e espaços culturais. No final de semana, chega a espaços públicos com grande circulação de pessoas, como praças, feiras e avenidas fechadas para carros. Em ambas as situações, qualquer pessoa pode levar um livro que já leu e trocar por um novo livro. Paralelamente ao intercâmbio das obras, ocorrem atividades de contação de histórias e leitura para as crianças.

Em cada capital contemplada, o acervo de 6,5 mil livros é distribuído pelos polos selecionados em cada cidade. Todo o acervo da BiciBiblioteca converge para uma gama diversificada de autores brasileiros e estrangeiros de todos os tempos, de todos os gêneros. A começar por “Era uma vez”, de Hans Christian Andersen e Irmãos Grimm, “Na-

rzinho e o Príncipe Escamado”, de Monteiro Lobato, “O Menino Azul”, de Cecília Meireles, “O Menino Maluquinho”, de Ziraldo, “A Luz Como Água”, de Gabriel García Márquez, a coleção completa de “Harry Potter”, de J. K. Rowling, “Meu Crespo é de Rainha”, de Bell Books, e “Caderno de Rimas do João” e “Caderno sem Rimas da Maria”, ambos de Lázaro Ramos. Em braile, o acervo conta com “O Menino Que Via Com as Mãos”, de Alexandre Azevedo, “O Que Será Que a Bruxa Está Lavando”, de Elizete Lisboa.

Já para os jovens, o acervo traz títulos como “É Assim que Acaba: 1” e “É Assim que Começa”, de Colleen Hoover, que estão na lista dos mais vendidos em 2023, e “Heartstopper: Dois Garotos, Um Encontro”, de Alice Oseman, que virou série de sucesso na Netflix. Para os adultos, o acervo traz os bestsellers “Coração de Tinta”, de Cornelis Funke, “Hibisco Roxo”, de Chimamanda Ngozi Adichie, “Pequeno Manual Antirracista”, de

Djamila Ribeiro, e diversas biografias de personagens importantes do Brasil e do mundo como Rita Lee, Nelson Mandela e Ingrid Silva.

Idealizada pela FGM Produções Culturais, a BiciBiblioteca busca democratizar o acesso à leitura de uma maneira divertida, diferente e totalmente gratuita, contando também com o estímulo que a presença de uma biblioteca em forma de bicicleta é capaz de mobilizar. Criado em 2017, antes de chegar às quatro cidades da atual edição, o projeto já passou por Canoinhas (SC), Três Barras (SC), Pacajus (CE), Cambé (PR) e Araçatuba (SP).

Para Fabiana Maugé, diretora da FGM, a BiciBiblioteca vai além de aproximar crianças e adolescentes dos livros. “A leitura é um dos principais meios para superarmos o déficit educacional no Brasil e formar novas gerações com maior capacidade de serem cidadãos conscientes de seus direitos e construir um futuro melhor. Facilitar o acesso aos livros é um grande passo

para atingirmos esse objetivo. O estímulo à leitura e o contato da criança e do jovem com o ‘objeto’ livro, saindo um pouco do universo do celular e computador, dá a eles uma ferramenta de diálogo e interação social”, explica a diretora.

A grande quantidade e a qualidade dos livros da BiciBiblioteca têm a capacidade de torná-la uma grande aliada de professores da rede pública, pois os livros são instrumentos para se trabalhar em sala de aula e alavancam ideias para ampliar o horizonte dos conteúdos formativos.

## SERVIÇO

**BICIBIBLIOTECA**  
Abertura: 5/10, às 15h30, no Galpão Bela Maré (Rua Bittencourt Sampaio, 169 – Nova Holanda, Maré)  
Para o público em geral  
Feira da Rua Teixeira Ribeiro (Maré): aos sábados, das 10h às 16h | Praia de Copacabana, Posto 3: sempre no 1º domingo de cada mês, das 10h às 16h

## CANTO DA CRÔNICA

**LUÍS PIMENTEL**  
JORNALISTA E ESCRITOR  
luispime@gmail.com

### Garrincha na minha infância

**E**u era menino e vendia laranja na porta do Estádio Municipal Joia da Princesa, em Feira de Santana, quando vi Deus bem de pertinho. Em um domingo, o Clube de Regatas Flamengo chegou por lá, em meio a uma excursão que fazia pelo Nordeste, exibindo, além da mística do manto sagrado, um mito do futebol brasileiro: Mané Garrincha encerrava a carreira em melancólicos jogos de exibição.

Ao vê-lo descer do ônibus na porta do estádio, abandonei o cesto de laranjas e me pendurei na mão do anjo das pernas tortas, que caminhou devagarzinho ao meu lado até o portão de entrada dos atletas. Despediu-se de mim e de outros meninos que o cercavam com um sorriso que jamais esqueci.

Tive ali meus cinco ou seis minutos de glória.

Chamava-se Manuel Francisco dos Santos, nascido na localidade de Pau Grande, na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, no dia 28 de outubro de 1933. Ganhou o apelido ainda bem pequeno, da irmã mais nova, porque era miudinho e arisco como o pássaro Garrincha. Sabe-se também que, quando menino, adorava caçar passarinho. Não escapavam os coleiros, nem as rolinhas, sabiás, cardeais, canários, bem-te-vis, zabelês, juritis e, por que não?, garrinchas. Dizem que mais tarde veio a justificar o apelido dentro de campo, pela

maneira engraçada com que passava “voando” pelos marcadores, que por mais que o caçassem jamais conseguiam colocá-lo na gaiola.

Começou a correr atrás de bola ainda menino, beirando os quatorze anos, no Esporte Clube Pau Grande – pertencente ao dono da fábrica de tecidos onde tentava aprender a ser tecelão. Não conseguiu, ainda bem. E atrás da bola, com suas pernas tortas, tronchas e arqueadas, uma para dentro e outra para fora, correu por muitos anos.

Atrás da bola e às vezes na frente, diante de zagueiros – e às vezes atrás – de todos os tamanhos e todas as nacionalidades, passou boa parte de sua vida. Jogou três copas do mundo, ganhando duas. Conquistou inúmeros títulos estaduais com a camisa alvinegra do Botafogo, vestiu a camisa rubro-negra do Flamengo no final da carreira, em jogos de exibição, e se perdeu no campo da vida quando a bola deixou de correr à sua frente.

Carregou até o fim dos dias a fama de reprodutor indomável. E teve 13 filhos, com três mulheres diferentes (uma delas, a famosa cantora Elza Soares). Triste, solitário, infeliz e quase sempre embriagado, viveu seus últimos anos entre consultórios médicos, clínicas de desintoxicação e até hospitais psiquiátricos. O fígado e o coração resistiram até o dia 20 de janeiro de 1983. Tinha 49 anos de idade.

## CRÍTICA / RESTAURANTE / RESTAURANTE ...LÁ

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Costela desfiada, molho de castanha do Pará, purê de maçã em redução de maracujá

## 12 anos de todos os sabores

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

Em duas horas vai-se do Leblon a uma verdadeira festança.. Éramos 12 os convidados por Sylvia Braconnot e Ivy Tinoco da Documentta. Jornalistas, chef, produtores, designers, artistas... Chegamos em Secretário, ao Restaurante ...Lá, no meio da mata, em um salão envidraçado, com as mesas perfeitamente arrumadas, cerâmica, raríssimos guardanapos de linho laranja, objetos do melhor da arte popular brasileira e louças deslumbrantes de todas as épocas.

O chefs Bebeto Felipe e Marcelo Vidal nos fizeram sentir como no banquete do Macron ao rei inglês. Começamos pelo bolinho de arroz (com os grãos soltinhos, nada de maçaroca) e o croquete de filé que de tão desfiado e compacto parecia um pequeno bife. Os caldos: tomate com leite leve (bastante leve!) e o de cenoura que, de forma in-

ventiva e melhor, leva maracujá. Ambos cremosos para se tomar com colher.

O vinho português acompanhava o clima de conversas, trocas, risadas. O sonho de queijo boursin come-se com a mão e a massa difícil de ser moldada fina é apenas uma cobertura ao recheio.

Os camarões no creme de maçã verde, mistura a consistência exata do molusco e o sabor entre o doce e ácido da fruta. A vontade é repetir, repetir... tínhamos os principais.

Os inhoques nudes de bacalhau, o peixe desfiado, prensado, sem farinha e ovo que podem vir com o molho de tomate ou manteiga ghee com salva. Invenção que merece Nobel. O vatapá vegano com cogumelo shiitake, com dendê, creme que se come de colher. E a farofa? Ah, a farofa é de panko com dendê. Mas Bebeto também prepara a de panko com alho poró e manteiga que também merecia estar

no banquete real.

Agora, os sorvetes... Pense nos melhores doces brasileiros, quindim, leite, caramelo com flor de sal e quebra-queixo, deliciosos, daqueles que se pega a caixa para ficar vendo série. Tem a horta, com ervas raras, a estufa para cura – o peito de pato cortado fino, mal passado, com a micro cobertura de gordura.

É o desfile dos sabores: picância, acidez, frescor, crocância, surpresa, criatividade, doçura, cru, cozido, frito, mistura, salgado. Todos, no seu empratamento, acompanham a lindeza da natureza e o super bom gosto da decoração dos ambientes.

Um momento único. E lá, no alto desse belo recanto na Serra pode-se dizer que só faltou uma coisinha para nos encantar ainda mais, se é que isso é possível: o Hugh Grant sentar ao meu lado, como fez com Mme Macron.

### SERVIÇO

RESTAURANTE ...LÁ  
Estrada de Secretário, km 5,7, s/nº - Secretário, Petrópolis.  
Tels: (24) 2104-7390 e (21) 98068-6650.  
Sextas e sábados (12h às 22h30) e domingos (12h às 18h)